



A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E O USO DE DROGAS DE ABUSO

Ernâni Lampert¹

RESUMO: Este artigo, inicialmente, contextualiza a problemática explicitada no título, em seguida, de forma panorâmica, analisa a sociedade contemporânea sob os aspectos econômico, social, político, cultural e educacional, elementos indispensáveis à compreensão da dinâmica atual. Essa categorização objetiva unicamente selecionar alguns elementos que, na concepção do autor, possibilitam um melhor entendimento da atual problemática e que servirão ao leitor como notas à reflexão. À luz do atual contexto, analisam-se as drogas de abuso na sociedade contemporânea e, como culminância, apresentam-se algumas considerações finais, em que o autor projeta a educação de qualidade como alternativa para mudar o modelo paradigmático caótico atual.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade contemporânea. Drogas de abuso. Educação.

THE CONTEMPORARY SOCIETY AND THE USE OF DRUGS OF ABUSE

ABSTRACT: At first the author, in this article, “The Contemporary Society and the abuse drugs use”, makes an argument about the problems. Following a panoramic view, analyses the contemporary society under the economic, social, political, cultural and educational aspects, essentials elements for understanding the current dynamics. This classification only aims to select some elements that, in the author’s idea, provide a better analyse about the currents issues that will be use as reflections to the reader. According to the current context, the abuse drugs are analysed in the contemporary society. As culminating point, there are some final reflections, in which the author projects the quality education as an alternative to change the current chaotic paradigmatic model.

KEYWORDS: Contemporary society. Abuse drugs. Education.

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E O USO DE DROGAS DE ABUSO - CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Ao longo da história, a humanidade passou por diferentes etapas evolutivas. Todos esses períodos contribuíram para o desenvolvimento e o progresso da sociedade hodierna. O homem, sujeito da história, passando por aventuras, conquistas, triunfos, medos, incertezas, crises, epidemias, misérias, atrocidades, guerras, catástrofes e conflitos étnicos, ideológicos e religiosos

¹ Pós-Doutor em Avaliação Institucional e Doutor em Ciências da Educação pela Universidad Pontificia Salamanca Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP. E- mail: erncas@bol.com.br

contribuiu de diferentes maneiras, na construção e (re) construção do conhecimento, nos avanços científicos e, infelizmente, na destruição do meio ambiente. Apesar de todos os avanços, o homem, mesmo com muito otimismo e potencial, entrou no terceiro milênio vazio, inseguro e com muitas incertezas e desesperanças, apoiando-se, muitas vezes, em mitos, rituais, crenças e até em drogas lícitas e ilícitas para aumentar sua autoestima e poder enfrentar os desafios e demandas cada vez maiores do cotidiano.

Atualmente, o sujeito, com exceções, tendo perdido seu referencial de valores humanitários, é levado pela superficialidade e utilidade dos artigos industriais, não necessariamente indispensáveis à vida e à sobrevivência da espécie. Em sua prática diária, tudo é analisado à luz da técnica e, de forma descontextualizada, sem levar em consideração a ideologia implícita e subjacente. A técnica, na maioria das vezes, domina o pensamento, a consciência, a razão e o afeto do homem, sem que ele se aperceba desse fenômeno. Conforme Dupont e Ossandon, “[...] o homem subverteu profundamente o seu ambiente graças à tecnologia, mas, em retorno, a tecnologia modificou, no ser humano, as maneiras de agir, de pensar e de entrar em contato com o mundo” (1998, p. 107).

Os tempos hipermodernos exigem hipermercados e **shoppings centers** cada vez mais gigantescos e sofisticados, que atendam às necessidades de uma clientela cada vez mais hiperindividualista, imeadista, pragmática, que vê o consumismo como forma de compensação, uma saída para a angústia existente, preenchendo a vacuidade do presente e do futuro, bem como o prazer associado às mudanças. Nessa linha de raciocínio, Lipovetsky (2004) assinala que nasceu uma cultura hedonista e psicológica, que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal e coloca no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer. Consumir sem esperar, viajar, divertir-se e não renunciar a nada são comportamentos do homem nesta nova cultura. “As mudanças se avolumam devido ao mercado cada vez mais avassalador e insensível que imprime nos corpos dos indivíduos contemporâneos a vontade e o desejo de consumo” (EIDT, 2011, p. 58).

Observa-se que os antigos valores cultuados pela sociedade são cambiados e novas perspectivas são criadas na contemporaneidade. Quase tudo gira em função do capital e da beleza física. Há apelos de imagens sexuais por toda parte. Há uma preocupação exagerada com o corpo, com a higiene e a saúde. As famílias, em sua maioria desestruturadas, necessitam empenhar-se na luta pela sobrevivência e atender às demandas de uma sociedade de consumo, que se exhibe sob o signo dos excessos e da profusão de mercadorias.

Acrescente-se a isso uma reviravolta no conceito de ciência e de verdade; uma tendência para a indeterminação; uma ameaça aos valores da cultura humanista; um aumento do grau de fragmentação, pluralismo, ecletismo e individualismo. Isso acontece, principalmente, em virtude

das mudanças ocorridas no trabalho e na tecnologia. Percebe-se que as instituições estão debilitadas; os partidos políticos de massa cedem lugar a novos movimentos sociais baseados no sexo, na raça, na etnia e no meio ambiente e há a preocupação, em grandes cidades, com um movimento de dispersão. A arquitetura reverte à tendência para arranha-céus de apartamentos e escritórios. Todas essas mudanças, que têm diferentes significados e manifestações, nos diversos campos do saber humano, e para as pessoas também, invadiram as artes, a literatura, as humanidades, a administração, a economia, a matemática, a filosofia, as ciências sociais, a tecnologia, as ciências duras e a educação.

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: ALGUMAS NOTAS À REFLEXÃO

Para efeitos didáticos, analisar-se-á, de forma panorâmica, a sociedade contemporânea, sob os aspectos econômico, social, político, cultural e educacional, elementos indispensáveis à compreensão da dinâmica atual. Sabe-se que a sociedade é um todo dinâmico e que as diferentes dimensões estão interligadas, uma interferindo direta e/ou indiretamente na outra. Tal categorização objetiva unicamente selecionar alguns elementos que, na concepção do autor, possibilitam um entendimento da atual problemática. Cabe esclarecer ao leitor que o texto não será dividido nessas categorias, evitando-se, dessa forma, a fragmentação, prática comumente utilizada na pós-modernidade, que visa à formação de cidadãos acrílicos, alienados, sem perceber a realidade como ela é e a ideologia subjacente.

A sociedade contemporânea apresenta uma economia global profundamente assimétrica e contraditória. As diferenças marcantes de crescimento econômico, a capacidade tecnológica e as condições sociais, entre as zonas do mundo, aumentam e criam um hiato ainda maior entre as nações. A globalização, que redesenhou o mapa econômico do mundo, por um lado, faz nações prosperarem, por outro, marginaliza política e economicamente regiões inteiras. Além disso, é um processo hegemônico, desigual e injusto que está afetando não somente os países pobres, mas, também, os países industrializados e ricos.

Segundo Quequi (2012), o G20 adverte sobre a possibilidade de outra crise que afetará a economia global. Para tanto, os líderes pedem que o sistema financeiro seja reforçado. Nessa linha de raciocínio, estudos de Guimarães (2004) e Mészáros (2003) demonstram o desrespeito e as violações aos direitos humanos, bem como a exclusão social existentes na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, países de capitalismo avançado. Santos (2002), ao criticar o paradigma da modernidade ocidental, menciona que as grandes promessas da modernidade permanecem descumpridas, ou o seu cumprimento redundou em efeitos perversos. Em outras palavras, é o

caos que a sociedade contemporânea está enfrentando, hoje em dia, sem uma perspectiva, a curto prazo, de sair desse marasmo.

Na atualidade, percebe-se que há um contingente, cada vez mais acentuado, de pessoas alijadas dos seus direitos de cidadania. De um lado, o crescente índice de desemprego estrutural faz com que o sujeito necessite de maior assistência do Estado; de outro, o Estado, atendendo à política neoliberal, que prioriza o setor financeiro em detrimento do social, busca o ajuste fiscal e a racionalização. Dessa forma, pouco investe em políticas públicas, provocando o desmantelamento do sistema de proteção social e um alheamento dos direitos sociais e trabalhistas. As multinacionais, geralmente, com suportes tecnológicos de última geração, competem com as indústrias nacionais, provocando o fechamento de um grande número de fábricas e a conseqüente demissão em massa. Esse fenômeno também é observado nas multinacionais, que, em muitos casos, não conseguem colocar no mercado a produção em massa, dispensando um grande contingente de empregados, de uma única vez, causando o desespero de milhares de famílias no mundo inteiro.

As concepções neoliberais, antes identificadas como teses monetaristas, atualmente constituem-se em um enfoque multidimensional, abrangendo aspectos políticos, econômicos, institucionais, educacionais, sociais, filosóficos, éticos e culturais. O neoliberalismo, além de determinar câmbios na posição dos países, tem provocado uma concentração da produção, do comércio e das finanças, agravando a distribuição de rendas. Ele tem passado às empresas transnacionais e à Trindade do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio as normas de regulamentação das relações internacionais em culminância com os interesses dos países centrais, antes exercidas pelo Estado. Em relação a essa problemática, Marin (1998) assevera que as políticas neoliberais têm elevado a superexploração, “flexibilizando” o trabalho, mediante a terceirização, o subcontrato, o trabalho em domicílio, a extensão da jornada, disfarçando isso como “qualidade total”. Aumentam, dessa forma, o desemprego estrutural, os bolsões de pobreza, a exclusão, a desindustrialização e a desintegração social.

No início dos anos 70, o termo exclusão social aparece na literatura política e social francesa, referindo-se a prisioneiros, doentes mentais, deficientes e idosos. A exclusão social, inverso da integração social, é produto de construção social, tem múltiplas causas e pode afetar o cidadão, econômica, política, social, educacional, digital e culturalmente. Depois de 1973, a pobreza, o desemprego em massa, a miséria, a instabilidade – problemas aparentemente equacionados pelos países ricos – retornam a afetar, em face da produção capitalista.

Em sinopse, o setor econômico apresenta um quadro de contrastes. Sob um prisma, o consumo desenfreado, principalmente pela utilização dos cartões de crédito e financiamentos

facilitados, faz a economia andar em ritmo de aceleração. Por outro ângulo, a globalização, que possibilita a aquisição dos bens e serviços em escala mundial, beneficia, comumente, aos grandes aglomerados e aos mais ricos, provoca a exclusão social, por meio do desemprego, a perda dos direitos civis, etc. “É importante destacar que o neobilateralismo e ‘globalização financeira’ não apenas reafirmam a tendência à superaculumação, como introduzem novos agravantes de instabilidade” (BARROSO, 2011, p.32).

No campo social, no século XX e, mais especificamente, no século XXI, houve inúmeros avanços, dentre os quais cabe destacar os avanços nos direitos sociais, em muitos países, mas, na prática, nem sempre essas conquistas são respeitadas (China, Cuba, Coreia do Norte). À luz dessa situação surgem as organizações não governamentais nacionais e internacionais, com o intuito de suprirem o papel do Estado, em diferentes áreas, especificamente no tocante à cidadania, aos direitos humanos, à assistência social e psicológica. Paralelamente, surgem, também, os movimentos sociais, com o objetivo de fazer respeitar a diversidade cultural, o direito à orientação sexual e racista. A emancipação e a valorização da mulher foi outra grande conquista social, nos últimos anos, mesmo sendo aumentada a diferença salarial paga aos homens, em 2010, segundo o Cadastro Central de Empresas divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e referenciado pelo Correio do Povo (2012c). Segundo essa fonte, em 2009, os homens ganhavam, em média, 24,1% a mais que as mulheres; já em 2010, essa diferença subiu para 25%.

A partir dos anos 1990, a violência, de forma sistemática, principalmente em função da indústria do medo, começa a fazer parte da sociedade pós-moderna e assume boa parte da agenda das investigações no campo social. Tendo causas múltiplas, diferentes formas e sendo produzida por diferentes segmentos sociais, amedronta a população, que se vê ameaçada no lar, na escola, na rua e nas instituições. Os processos de exclusão social (classe, gênero, etnia, credo religioso, ideologia política, narcotráfico) são fatores que aumentam a criminalidade, principalmente urbana, tanto dos países industrializados como dos emergentes.

A violência, sem uma reversão do atual tabuleiro político, social, econômico, educacional e cultural, continuará a fazer parte da dinâmica social. Por um lado, cada vez mais um contingente da população economicamente ativa é excluída do setor produtivo; por outro, o Estado não tem interesse em exterminar esse fenômeno, pois o crime é necessário para manter a dinamismo social e o atual **status quo**. O estado, como controlador e mantenedor da ordem social, tem vantagens com tal prática, pois recolhe impostos e, não necessariamente, devolve à sociedade tais benefícios em serviços, além de transferir, em parte, à iniciativa privada suas responsabilidades. Para enfrentar e lutar contra o terrorismo, a criminalidade e a violência muitas empresas, escolas e até o governo instalam câmeras e meios eletrônicos de vigilância. Esses

mecanismos tecnológicos de hipervigilância substituem a antiga sociedade disciplina-totalitária. Galeano (1999), referindo-se à indústria do medo assinala que o medo é a matéria-prima das prósperas indústrias da segurança particular e do controle social. Uma demanda firme sustenta o negócio. Floresce o mercado de vigilância particular, enquanto todos os sujeitos, uns mais, outros menos, tornam-se sentinelas do próximo e prisioneiros do medo.

A escola sofre com a violência que, até pouco tempo, era externa e hoje, por meio de uma variada gama de procedimentos (verbal, patrimonial e física), praticamente faz parte do cotidiano escolar. Com o imperativo de amenizar esse conflito, a escola poderá, como medidas paliativas, operacionalizar acordos de segurança, ancorados nas diferenças culturais locais; realizar, nos finais de semana, atividades recreativas e desportivas com a comunidade; promover passeatas, com o objetivo de estimular a paz; externar, por dinâmicas apropriadas, a contribuição valiosa de pessoas não violentas que deram uma significativa contribuição para a paz mundial, como Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Chico Mendes e tantos outros; comemorar datas que favoreçam a conscientização da paz; abordar, de forma interdisciplinar, temáticas sob paz/violência no currículo escolar. Cabe frisar que a violência e a paz, como construções sociais, além de estarem atreladas à vida política, econômica e à organização social têm relação com a educação e as práticas pedagógicas, pois tanto uma como a outra são ensinadas e aprendidas.

Cevasco (2003) assinala que, a partir da década de 1960, percebeu-se outra virada semântica no conceito de cultura, enfeixando mudanças na organização social de um mundo conectado pelos meios de comunicação de massa, onde profundas transformações econômicas e políticas acabaram por enfraquecer um projeto coletivo de mudança social. “Viva a diferença” e “abaixo o universalismo” são as palavras de ordem. A Cultura, com maiúscula, é substituída por culturas, no plural. A atenção não mais recai sobre a conciliação de todos, nem pela luta de uma cultura em comum, mas pelas disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais.

Na sociedade contemporânea, o modo de encarar a vida mudou muito ultimamente. Por um prisma, surgem os avanços e conquistas da ciência e da tecnologia em, praticamente, todas as áreas do saber humano; por outro ângulo, percebe-se a degradação das relações interpessoais, na família, na escola e na sociedade, o que faz com que as pessoas sejam mais egoístas e pouco solidárias. Em compensação, há um consumo exagerado de bens e serviços e muitos se utilizam do consumo de álcool e de drogas de abuso como refúgio. Outros buscam as terapias alternativas para dar um sentido à vida (LAMPERT, 2007).

A televisão e a internet, produtos do capitalismo avançado, que têm como objetivo explícito o entretenimento e a informação, trazem subjacente a ideologia do consumismo e, até certo ponto, da violência. A televisão foi o primeiro avanço tecnológico de importância capital

no período pós-guerra. Essa inovação, além de dar um salto qualitativo nas comunicações, mudou significativamente a vida de parte da população. Esse poderoso veículo de comunicação, pela combinação de som e imagem, veicula, com algumas exceções, programações de má qualidade, que afetam, principalmente, as pessoas imaturas e a classe popular, pois são mais vulneráveis à manipulação. A televisão, além de confundir qualidade de vida com quantidade de coisas, oferece, com frequência, cursos audiovisuais de violência, que podem ser identificados nos filmes, telejornais e programas humorísticos. Vivemos uma cultura violenta, produzida e difundida por uma vasta gama de instâncias sociais: família, escola, instituições, clubes, mas, principalmente, pelos meios de comunicação, destacando-se a televisão. Para Bafestren, “[...] é fundamental que a sociedade brasileira rume para um efetivo controle social dos meios de comunicação, hoje exclusivamente controlados pela normatização e pelo consumo de capital. Pelo fim da lavagem cerebral, que nenhuma emissora possa mais nos fazer de bobos, usando mecanismos hipnóticos” (BAFESTREN, 2004, p.36). Nessa mesma linha de pensamento, Marcondes, Menezes e Toshimitsu (2003) alertam sobre o efeito hipnótico da televisão.

A internet, que é originária dos Estados Unidos, surgiu em um momento histórico para atender aos interesses militares do império norte-americano. É resultado da tecnologia de ponta e constitui-se em um ambiente de comunicação livre e global. É também uma ferramenta tecnológica de regulamentação e de controle da dinâmica do mercado, evitando o desequilíbrio excessivo. Pelo acesso à internet é possível se processarem informações, com rapidez e por um custo acessível. Uma diversidade e complexidade de informações são disponíveis e proporcionam uma visão geral sobre o que está acontecendo no mundo globalizado. A internet revolucionou as relações interpessoais e possibilitou a democracia eletrônica. No entanto, pode ser concebida como limitada porque, mesmo havendo uma infinidade de informações sobre praticamente todos os assuntos, sua abordagem, com raras exceções, é superficial, sendo a veracidade, a confiabilidade e a fidedignidade dos conteúdos muitas vezes questionáveis.

Além disso, por intermédio do bombardeio de serviços e produtos oferecidos, a privacidade das pessoas é desrespeitada. Certamente a maior desvantagem que a rede apresenta é a difusão desigual que está ocorrendo pelo Planeta, pois um percentual pequeno de pessoas tem acesso a essa tecnologia, o que aumenta o hiato entre ricos e pobres, países desenvolvidos e emergentes. Castells (2003) arrola dados estatísticos que evidenciam esse descompasso no mundo, principalmente entre países desenvolvidos e em fase de desenvolvimento. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas, citados pelo Correio do Povo (2012a), atualmente, no Brasil, existem 99 milhões de computadores, entre corporativos e domésticos, em uso no país, o que representa uma máquina para cada dois habitantes. A estimativa é que o país deverá contar com um computador para cada habitante em 2017.

A internet, que afetou uma variada gama de campos do conhecimento humano, rompeu com a ideia de espaço, pois, sem se locomover, é possível conhecer e interagir com outras culturas. Ela, com sua curta trajetória, afetou, talvez, como nenhum outro recurso, tudo o que nos rodeia. O mundo, a economia global, as redes de comunicação, a cultura e, conseqüentemente, a educação e a vida dos sujeitos estão sendo transformados com a internet e em torno dela. Nessa linha de pensamento, Luft diz:

Se décadas atrás o mundo se limitava à nossa comunidade, algo do país e raras notícias do exterior, hoje a guerra do Afeganistão, a política européia, a economia americana, o terremoto no Chile, as inundações na Indonésia, o derretimento de geleiras nos extremos da terra são o nosso pão cotidiano (LUFT, 2011, p. 14).

A escola, inserida na aldeia global, que, de um lado, exclui e, do outro, prospera, outrora teve um importância vital na vida das pessoas e era, praticamente, a única responsável pela transmissão de conhecimentos, pela cultura e ascensão social. A partir das últimas décadas do século XX, a escola passou por radicais transformações. Os câmbios gestados no mercado, a partir dos anos 80, especificamente em função da ciência/tecnologia, afetaram o papel social da escola. A sociedade contemporânea exige um novo perfil de profissional, ou seja, com uma visão ampliada, com capacidade de liderança, capaz de trabalhar coletivamente, criativo, flexível e permanentemente atualizado para atender as exigências do mundo capitalista. Em uma sociedade em metamorfose, que gera novas tecnologias e transforma a natureza do trabalho, a formação individual e coletiva deve ser permanentemente atualizada. Infelizmente, hoje em dia, nem a educação básica, nem a superior têm conseguido atender tais exigências e demandas da dinâmica social, o que faz com que a instituição esteja perdendo, gradativamente, seu status para outras órgãos. Esse fenômeno ocorre tanto em países desenvolvidos como em emergentes e, sem uma alteração paradigmática, a educação atual perderá seu significado e valor social.

A escola, que se preocupava com uma formação cultural de valores, vê-se obrigada a atender a demanda de uma sociedade cada vez mais decadente, que deseja um sujeito pragmático, consumista e inserido no modo produtivo capitalista. O que vale é o capital. Certamente, em nenhuma época da história civilizatória investiu-se tanto na formação inicial e continuada de recursos humanos, porém, cada vez mais percebe-se a necessidade de novos investimentos, de novas perspectivas capazes de atender a uma demanda desenfreada que segue sem rumo. Nunca a sociedade teve um contingente com tantos letrados, pessoas altamente qualificadas e preparadas. Nunca se deu tanta importância à educação, ao ensino, ao conhecimento; porém, com exceções, percebe-se a instalação do caos em todas as esferas e níveis de escolaridade. O que vale para o governo, grosso modo, são os dados estatísticos, ou

seja, avanços quantitativos em todos os níveis de ensino (educação infantil, ensino básico, superior e programas de pós-graduação). Por sua vez, a sociedade quer e exige uma educação de qualidade, que não seja vista sob a perspectiva de mercado, mas como patrimônio universal.

Atrelada a essa questão de qualidade do ensino, está a formação de professores, que, de maneira geral, é precária na educação infantil, mas, principalmente, no ensino básico. A formação inicial dos docentes, na maioria das vezes, é realizada em faculdades isoladas, que estão espalhadas em, praticamente, todos os municípios do País. Dessas instituições, muitas delas são dirigidas por empresários, que priorizam o aspecto econômico em detrimento da qualidade do ensino. Por sua vez, segundo Lampert (2010), “[...] os discentes oriundos de diferentes classes sociais, com peculiaridades variadas, com experiências e estilos de vida diferenciados, em que a heterogeneidade predomina, buscam um diploma, que já está bastante desvalorizado como condição de competir no mercado de trabalho, cada vez mais escasso, desafiador, qualificado, exigente e sem muitas demandas e perspectivas.” O fenômeno pode ser constatado pelo alto índice de reprovação dos candidatos que realizaram, em abril de 2012, o concurso público do magistério estadual do Estado do Rio Grande do Sul, que eliminou 58.558 concorrentes, ou seja, 92,45% e aprovou apenas 5.224 candidatos, ou 7,55%. Esses dados estatísticos demonstram uma realidade cruel, fruto da política neoliberal, que privilegia o setor financeiro em detrimento da educação e da saúde, e das condições indispensáveis para o desenvolvimento e o progresso de uma nação.

Diante desse cenário real e atualizado, cabe aos diferentes segmentos sociais refletirem sobre a caótica situação e encontrar responsabilidades e alternativas, pois o fazer de conta que o sistema funciona que o professor ensina e o aluno aprende já extrapolou os muros escolares e está afetando o indivíduo, a sociedade, o Brasil-Nação e países do mundo inteiro. Nessa direção, Ahlert (2011) afirma que a crise na educação e o mal-estar dos professores, que referenciam a crise docente, mostram que a educação escolar ocorre, nos dias atuais, num ambiente de enormes dificuldades. Falta motivação para ensinar e aprender, consequência de um vazio de sentido e de ausência de uma visão de futuro. No decorrer da história, a profissão docente assumiu várias funções e características e sofreu influências sociais, econômicas e culturais. Com a reestruturação do capitalismo, novas demandas são apresentadas à educação. A sociedade capitalista atual exige um perfil de educador diferente, com competências e habilidades que extrapolem o contexto da sala de aula. Para Meira (2010), a atividade de ensino, outrora vista como atividade de alto valor, vem sofrendo profundas transformações, com o predomínio e expansão das relações capitalistas para o setor educativo. A educação tornou-se um dos setores mais lucrativos e o educador passou a ser gerenciado, tal como se gerenciam os trabalhadores das fábricas.

Portanto, a crise profunda pela qual passa a educação deve buscar explicações no âmbito paradigmático, objetivando encontrar possibilidades teóricas de superação e de propostas alternativas de encaminhamentos, de modo a privilegiar uma educação que articule técnica-ética-política, possibilitando uma formação abrangente construída pelo rigor científico e pelo desenvolvimento da cidadania. Para alcançar tal imperativo, é indispensável investir na educação básica, na formação inicial e continuada e, principalmente, propiciar aos docentes condições dignas de trabalho e de salários que atendam às necessidades básicas de um indivíduo, pois, segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, as carreiras de professor do ensino fundamental e do médio, continuam tendo as piores compensações salariais do Brasil, em relação a todas as outras de profissionais com nível superior. Um professor do ensino fundamental recebe, em média, 59% do que percebe outro trabalhador com curso superior.

Certamente o atendimento dessas premissas reverterá o panorama atual, em que, com algumas exceções, os piores alunos do ensino básico buscam o magistério como profissão, e fará com que alunos com potencial busquem, também, o ensino, como opção de trabalho, pois o “[...] salário é determinante. Pagar bem permite atrair os melhores. Ganhar bem possibilita atualizar-se, ir ao cinema, viajar, comprar livros, abrir horizontes, manter-se motivado, fazer cursos e tudo o que se sabe e vale para qualquer profissão” (SILVA, 2012, p. 2).

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E O CONSUMO DE DROGAS DE ABUSO

O quadro panorâmico apresentado mostra os descompassos da sociedade contemporânea em, praticamente, todos os campos do saber humano. Se, sob um prisma, graças, principalmente, aos avanços da ciência e da tecnologia, os progressos são extraordinários, privilegiando mais especificamente a camada societal que possui condições financeiras apropriadas e é consumista, por outro ângulo, produto da política neoliberal, as áreas de saúde e educação para a população, em geral, ou seja, aquela que não dispõe de recursos para utilizar os serviços privados disponíveis, são de baixa qualidade e até inexistentes em determinados locais. Esse fenômeno é característico, principalmente, dos países em desenvolvimento e emergentes, mas também faz parte da realidade de muitas nações industrializadas e desenvolvidas.

A exclusão social, o desemprego, o poderio econômico nas mãos de poucos, a debilitação das instituições sociais (família, escola, igreja, poder judiciário/legislativo e o próprio Estado), a falta de perspectiva dos jovens e adultos provocam vazio existencial, ansiedade, angústia e medos de toda a ordem. O homem, cada vez mais individualista, conectado à internet, comunica-se, geralmente, com seus pares, de forma digital, sem uma interação física/emocional que, muitas

vezes, é indispensável ao equilíbrio humano. Esse contexto faz com que, paulatinamente, emergjam problemas de ordem emocional, que, por sua vez, afetam o organismo físico e, face a ele, alguns se revoltam contra o sistema, causando violência na esfera familiar, escolar e social; outros tantos buscam refúgio nas drogas lícitas e ilícitas, provocando um caos social, que necessita ser enfrentado e tratado pelos diferentes segmentos sociais: família, escola, igreja, Estado e Organizações não Governamentais.

O uso de substâncias alucinógenas, ou que afetem os sentidos, é histórica. De acordo com Ruídas García (1998), o consumo de drogas parece ter sido uma constante na história da humanidade. Desde os finais de sessenta e, durante os anos setenta, houve profundas modificações no uso e consumo de drogas. O resultado revela que os anos 80 e 90 mostram um grande número de drogadependentes, causando problemas na saúde, no pessoal e no social. Para Néri Filho, “[...] a busca do conforto, do prazer, sempre foi poderoso estímulo para o uso de substâncias que podiam proporcionar tais sentimentos. O ser humano sempre conviveu com drogas, e delas fez diferentes usos, ao longo da história” (NÉRI FILHO, 1995, p. 27-8). Velho, referindo-se à dimensão cultural e política do mundo das drogas (1993), ressalta a profunda heterogeneidade dos modos de consumo, das razões, crenças, valores, ritos, estilos de vida e ideologias que participam das suas práticas.

Segundo Murad (2011), na contemporaneidade, o processo levou à exacerbação da sociedade do consumo que parece ter resultado em uma nova relação com as drogas e sua maior disseminação e grau de dependência. O “vazio existencial” e a depressão, doença da modernidade, são, por um lado, fatores que levam uma parcela considerável da população a recorrer aos mais diversos tipos de droga, como saída para as angústias. Por outro ângulo, as drogas são usadas, a fim de buscar novas experiências e a autoafirmação social, ou, mesmo, turbinar a sensação de felicidade e bem-estar. O consumo de álcool, especialmente entre os jovens, é outro dado alarmante. Pesquisa realizada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre drogas (senad) com 17 mil universitários de todas as capitais brasileiras mostrou que 86% deles consomem álcool e que, nesse universo, 22% podem desenvolver dependência. Um levantamento realizado pela frente Parlamentar de Enfrentamento ao Crack e outras drogas, da Assembleia Legislativa de São Paulo, evidenciou que o crack equivale ao álcool no número de atendimentos na rede pública de saúde: 38% nos municípios cuja população está entre 50 a 100 mil habitantes. No estado, como um todo, entre os usuários que buscam atendimento 49% estão ligados ao vício do álcool; 31% ligados ao crack; 10% cocaína e a maconha com 9%.

Para Murad,

A prevenção, por meio da educação e da conscientização, ainda é o melhor caminho para evitar epidemias de qualquer droga. Também é preciso criar uma rede de atendimento aos dependentes que contemple o tratamento médico por meio de centros de referência e a reinserção social e familiar (MURAD, 2011, p. 64).

Segundo dados de 2008, a Organização das Nações Unidas (ONU) estima que, entre 155 e 250 milhões de pessoas usem algum tipo de droga ilícita, o que representa de quatro a cinco indivíduos em cada 100 adultos. Sabe-se que, por múltiplas razões, esse consumo vem aumentando, assustadoramente, nas diferentes camadas sociais e em diferentes países, principalmente entre os jovens. Guerra de Andrade (1995) alerta sobre o crescente consumo de drogas por todas as faixas da população, de modo expressivo, a juventude corre o risco de estar sendo entorpecida pelo consumo crescente. No entanto, não é possível identificar, com certeza, os fatores que levam um indivíduo a ultrapassar as barreiras que existem entre os consumidores ocasionais e os consumidores habituais e os dependentes. O grande problema está naqueles que, após a experiência, vão implementar essa relação para graus mais íntimos que podem levar à dependência, situação em que os prejuízos sociais, físicos e psicológicos são evidentes e preocupantes. .

Além desses fatores arrolados, ou seja, ligados à dimensão pessoal e saúde pública, o mercado de drogas está entre as mais rentáveis atividades econômicas do mundo. As estruturas criminosas utilizam-se dos mais variados artifícios para potencializar o lucro e manter o seu negócio entre as pessoas de diferentes camadas sociais. Conforme Bucker “[...] deve-se concluir que a afronta das drogas (ilegais) ao sistema social não se situa em nível da saúde pública, mas no desequilíbrio econômico que narcotráfico e narcodólares provocam” (1995, p. 45). Nesse sentido, Guerra de Andrade afirma que “[...] a droga é, atualmente, o terceiro mercado do mundo depois do petróleo e armas de guerras” (Bucker, 1995, p. 55). Segundo o relatório da ONU, de 2005, o tráfico de drogas movimentou aproximadamente 400 bilhões de dólares no mundo, mais do que Produto Interno Bruto (PIB) de um país como a Turquia.

No Rio Grande do Sul, segundo dados da Brigada Militar/RS e divulgados pelo jornal Zero Hora (2012), o número de drogas apreendidas pela Brigada Militar aumentou muito, o que permite concluir que o tráfico vive um momento de expansão no Estado. A tabela que se refere a 2011 e 2012 (janeiro a março) ilustra tal fenômeno.

Droga	2011	2012
Maconha	353 kg	932 kg
Cocaína	42 kg	48 kg
Crack	35 kg	96 kg

Fonte: Brigada Militar/RS

No cenário internacional, por exemplo, as ações crescentes do narcotráfico causam crise nacional no México. A violência provocada por disputa entre grupos criminosos atinge especificamente o norte do País. Acredita-se que a desarticulação dos cartéis de drogas da Colômbia, nos anos 1990, tenha transferido para o território mexicano parte dessa atividade criminosa. Um dos efeitos mais severos é a desagregação social. Muitos dos jovens sem perspectiva se veem atraídos para atuar nas gangues. O Correio do Povo (2012) publicou que, pelo menos, 160 mil pessoas deixaram suas casas no México, em 2011, devido à violência ligada ao narcotráfico. Os descolamentos foram causados, principalmente, por brigas pelo controle de rotas de drogas entre cartéis. As maiores taxas de deslocamento aconteceram nos estados de Chihuahua, Tamaulipas, Nuevo Leon, Durango, Sianloa, Michoacán e Guerrero. Em 2012, calcula-se que, pelo menos, 24.500 pessoas deixaram a Ciudad de Juarez, a mais violenta do país, localizada na fronteira com os Estados Unidos.

Posto isso, percebe-se que as drogas têm afetado, de diferentes formas, a vida dos cidadãos da sociedade contemporânea. Se, por um lado, o tráfico e o consumo proliferam assustadoramente, por outro, muitas iniciativas são tomadas pelo governo, sociedade civil e organizações não governamentais para tentar conscientizar as crianças, pré-adolescentes, adolescentes, adultos e idosos sobre os malefícios das drogas. Por exemplo, no dia 16 de março de 2013, conforme dados arrolados pelo Correio do Povo (2013), realizou-se em Porto Alegre uma caminhada contra as drogas. Este evento, que contou com a participação de cerca de 3,5 mil sujeitos, teve como objetivo chamar a atenção para os riscos da dependência, tanto das drogas ilícitas quanto das que são legalizadas. A caminhada foi dividida em alas, demonstrando as diversas consequências da proliferação das drogas na sociedade contemporânea. No primeiro grupo, estavam as mães que perderam os filhos para as drogas – incluindo-se aqueles que foram mortos pelo tráfico. O segundo grupo representava a degradação física e psicológica dos

dependentes químicos. A terceira ala caracterizava os ex-viciados que, graças à força de vontade, conseguiram sair do mundo das drogas. Cabe frisar que o evento ocorreu, simultaneamente, em várias capitais do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea é contraditória, extremamente desenvolvida e arrojada em determinadas áreas, em outros campos, é primitiva, arcaica, injusta e desumana e não consegue atender às demandas básicas da população. Vive-se um período inigualável. De um lado, presencia-se a corrupção em todas as esferas; a destruição ambiental; a escravidão; o massacre de povos; as aventuras militares; as ameaças nucleares; os genocídios; os fracassos políticos, sociais, religiosos, culturais; a precarização do trabalho e uma perda significativa dos sentidos e dos significados humanos e societais. Por outro prisma, está o mundo das finanças, dos negócios, do comércio, do consumo, da ciência e da tecnologia, bem como da massa cultural que cresce como em nenhuma outra era.

Diante desse cenário, de um lado promissor e de outro, de pessimismo, cabe um olhar crítico dos diferentes segmentos sociais para a revisão do atual modelo paradigmático, priorizando políticas públicas voltadas ao bem-estar dos cidadãos, oferecendo a todos os sujeitos condições dignas de vida, acesso aos serviços de saúde e, principalmente, a uma educação infantil e ensino básico de qualidade.

Sabe-se que a educação de qualidade é a grande mola impulsora e afetará, direta e/ou indiretamente, todos os demais campos e esferas sociais. Por isso, é indispensável pensar que a educação de qualidade demanda paciência, perseverança, ética e muito tempo. Deve estar ancorada no diálogo, na problematização e na interdisciplinaridade. Deve preparar o homem para conviver harmonicamente com seus semelhantes, com a natureza e todo o cosmo. A educação de qualidade necessita preparar o sujeito para renunciar ao egoísmo latente, viver para o amor e a paz, promover a justiça, aprender a desejar, contemplar o belo, discernir o certo do errado, ir além das aparências e tornar-se mais humano.

A sociedade contemporânea exige uma educação harmônica que garanta o bem-estar do homem e da sociedade. Enfim, um sujeito que se desacomode, estabeleça um equilíbrio entre corpo e alma, dose o prazer com sabedoria, aprenda a trabalhar as perdas e as incertezas. Um sujeito capaz de reconciliar-se consigo mesmo, aceitar seus próprios limites, perdoar seus próprios erros, ser tolerante consigo mesmo. Um ser que saiba fazer o outro mais feliz. Um sujeito capaz de aprender a encontrar tempo para a família, o lazer, o corpo, o prazer, o consumo, o descanso, o amor, os outros, a leitura, a criação, a meditação, a oração e a solidão. Um sujeito

capaz de ser humilde, de silenciar, de encontrar sentido nas coisas, de estudar, de realizar uma viagem interior, de autodescobrimento, de autodeterminação e de autorrealização. ENFIM, UM SUJEITO QUE VALORIZA A VIDA TAL COMO ELA É, E, NA MEDIDA DO POSSÍVEL, CONSEGUE HUMANIZÁ-LA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLERT, Alvorí. Educação e esperança na formação docente: dialogo entre a Pedagogia e a Teologia. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.17, n. 32, p. 61-76, jan./abr. 2011.

BAFESTREN, Ricardo B. Consciência moral e construção da paz, **Textual**, Porto Alegre, v.1, n.3, p.31-37, maio 2004.

BARROSO, A. Sérgio. Marxismo e a grande crise capitalista global. **Princípios: teoria política e informação**, São Paulo, n.115, p.28-33, out./nov. 2011.

BUCHER, Richard. Drogas na sociedade. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria da Assistência à Saúde. Coordenação-Geral do PN DST/AIDS (org). **Drogas, AIDS e sociedade. Transmissíveis/ AIDS**, 1995.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CEVASCO, Eliza Maria. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CORREIO DO POVO. **Caminhada contra as drogas**. Porto Alegre, ano 118, n. 169, 18 de abril de 2013, p. 18.

CORREIO DO POVO. 1 computador por habitante. Porto Alegre, ano 117, n. 202, 19 de abril de 2012 a – Economia, p. 8.

CORREIO DO POVO. **Violência no México desloca 160 mil**. Porto Alegre, ano 117. n. 22 de abril de 2012b – Internacional, p. 16.

CORREIO DO POVO. **Cresce a diferença salarial**. Porto Alegre, ano117, n. 230, 17 de maio de 2012 c – Economia, p.8.

DUPONT, Pol.; OSSANDON, Marcelo. **A Pedagogia universitária**. Coimbra: Coimbra Editora, 1998.

EIDT, Paulino. **Sociedade de consumo: uma análise do global para o local**. **Conjectura**, Caxias do Sul, v.16, n.3, p. 55-67, set./dez. 2011.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. 7. ed. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GUERRA DE ANDRADE, Arthur. As drogas mais usadas no Brasil e suas conseqüências. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria da Assistência à Saúde. Coordenação-Geral do PN DST/AIDS (org). **Drogas, AIDS e sociedade. Transmissíveis/ AIDS**, 1995.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Um novo mundo é possível: dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos.** São Leopoldo: Sinodal, 2004.

LAMPERT, Ernani. A Nova Era e a educação: análise crítica. **Máthesis**, Jandaia do Sul, v.8, n. 2, p. 23-46, jul./dez. 2007.

LAMPERT, Ernani. (Re) criar a universidade: uma premissa urgente. In. LAMPERT, Ernani; BAUMGARTEN, Maíra (org). **Universidade e Conhecimento: possibilidades e desafios na contemporaneidade.** Porto Alegre: Sulina/UFRGS Editora, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles.; CHARLES. Sebastien. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Barcarolla, 2004.

LUFT, Lya. **A riqueza do mundo.** Rio de Janeiro: Record, 2011.

MARCONDES, B. MENEZES, G.; TOSHIMITSU, T. **Como usar outras linguagens na sala de aula.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MARÍN, Gustavo. Luta contra o neoliberalismo. In: VICENTINI, P.G.F.; CARRION, R.K.M. **Século XXI: barbárie ou solidariedade: alternativas ao neoliberalismo.** Porto Alegre: UFRGS, 1998.

MEIRA, Michelle de Castro. **Revista Extra-Classe.** N.3, v.2, p. 64-86, jul./dez. 2010.

MÉSZÁROS, István. **O século XXI: socialismo ou barbárie?** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

MURAT, Jamil. Política de combate às drogas: o risco dos “depósitos humanos”. **Princípios: teoria política e informação**, São Paulo, n.115, p.60-64, out./nov. 2011.

NERI FILHO, Antonio. Preconceitos e conceitos sobre drogas. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria da Assistência à Saúde. Coordenação-Geral do PN DST/AIDS (org) **Drogas, AIDS e sociedade. Transmissíveis/ AIDS**, 1995.

QUEQUI. **Advierte el G20 outra crisis.** México, ano 11, n. 4303, 7 de mayo de 2012, Mundo, p. 68.

RUIDÍAS GARCÍA, Carmen. (coord). **Universidad y drogas.** Madrid: Ediciones Gráficas Delos S.L, 1998.

SANTOS. Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, JUREMIR Machado da. Salário do professor. **Correio do Povo**, Porto alegre, ano 117, n. 237, 24 de maio de 2012, p.2.

VELHO, G. Dimensão cultural e política do mundo das drogas. In: INEM, C.L., ACSELRAD, G. (Orgs). **Drogas: uma visão contemporânea**, p. 274-279, Rio de Janeiro: Imago, 1993.

ZERO HORA. Causa e efeito. Porto Alegre, ano 49, n. 17.017, 10 de maio de 2012, Informe Especial, p. 3.